

Ronaldo de Oliveira



REGINA BORGES ENTRE O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ÉTICA, RAMEZ TEBET, E O CORREGEDOR, ROMEU TUMA: ASSUMINDO RESPONSABILIDADES PARA PROTEGER OS COLEGAS

O DEPOIMENTO

“O LIMITE DE EU SEGURAR ERA O DE ESTOURAR NA MÃO DESSE PESSOAL (OS COLEGAS DO PRODASEN)”



Isto que está acontecendo aqui, tudo isso eu previa e falava não tem jeito não, agora é tocar o bonde. Eu fiz um comentário outro dia com uma pessoa o seguinte: com todo respeito que eu tenho a todos os senhores senadores, que são figuras máximas, figuras das mais expressivas de nosso país, eu acho que o papel que a gente faz aqui na terra do ponto de vista de trabalho, de exercício político, de missão religiosa, seja lá o que for, eu sou um ser humano, e quando a gente fala nisso, me perdoem, mas eu não consigo achar que um é melhor do que o outro, e quando eu falo na imagem, no conceito, o conceito do Heitor [Ledur] para mim não é um conceito que me reça menos importância do que o conceito do senador [José Roberto Arruda]. Ele é um ser humano como o outro, ele não viu senador e também tem que ser preservado perante a família, os filhos, a sociedade.

(...) O limite de eu segurar era o limite de estourar na mão desse pessoal, eu avisei que esse seria o limite [ao avisar o senador José Roberto Arruda sobre até que ponto seguraria a história]. E aí parece que deu uma acalmada e tal, foi até o fim do ano, quando chegou o fim do ano.

(...) Eu estava precisando de relaxar um pouco depois de tanta tensão, de tanta dificuldade. Então, quando foi fazer (sic) aquela eleição no Prodasen [para a escolha da nova diretoria], esse ano eu declinei de participar no dia da apresentação, do debate. Expliquei para os meus colegas que eu estava me despedindo, que eu só esperaria encerrar a administração dos senadores [quando ACM presidia o Senado Federal]. Isso no final do ano passado, isso independente de quem fosse assumir. Eu não tinha mais a pretensão de estar dirigindo o Prodasen na outra gestão.

Só que neste momento surge aquela bomba. Um amigo nosso colega do Prodasen, que até está empezinho ali, chegou e telefonou para mim — ele trabalha num dos gabinetes, telefonou para mim e disse: “Doutora Regina, tem uma confusão tão grande aqui, estão falando que violou o computador (sic), estão falando o nome da senhora.” Eu sabia o que representava aquilo e tinha que representar o papel e segurar a onda e tal. Daí a pouco vem a *Folha de São Paulo*, me telefona, fala que tinha notícia que eu tinha entregue a lista. Eu tinha obviamente que dizer que

não e evitar a imprensa, para não estar mentindo repetidas vezes.

Bom, diante disso, e o senador Antonio Carlos logo em seguida viajou para Miami, e eu me vali de procurar o senador Arruda para ver: e agora? Porque a Unicamp fechou o computador. Estava lá. É lógico que uma coisa dessas se faz tentando voltar para situação anterior, mas se sabe também que esses computadores de última geração, com todos os recursos que se tem hoje, é (sic) muito fácil se fazer uma reversão aí e recuperar coisas antigas. Foi uma coisa que foi feito numa madrugada, correndo no afogadilho. A possibilidade de isso ser identificado era muito grande. Outra coisa, esses técnicos todos teriam que falar, teria os técnicos da Unicamp. Esse rapaz que foi chamado, que nem é do Prodasen [Sebastião Gazola], a gente nem conhecia bem como era a fibra dele para aguentar uma situação dessa. Era muita variável em jogo. (...)

O primeiro dia que eu sentei na comissão com meus colegas de Senado eu depus chorando, porque era duro mentir ali para eles [senadores da comissão de inquérito que averiguava a violação do painel eletrônico]. Mas eu tinha que mentir, eu tinha que seguir. E falei que ninguém me deu ordem para violar o painel e tal. Além do mais, eu tinha que apoiar cada colega que ia [depor na comissão de inquérito], para que também todo mundo trabalhasse do mesmo jeito e a gente seguisse a mesma orientação.

INTUIÇÃO NA SEXTA-FEIRA SANTA

Eu, logo de cara, procurei o senador Arruda. Conversei com ele sobre a situação e a orientação era essa mesma: que nós tínhamos que manter silêncio em relação à coisa. Todo mundo segurar os meninos e tal. E eu tinha apreensão quanto à Unicamp. Quando chegou o senador Antonio Carlos Magalhães, eu fui a ele e falei: “Olha senador, eu tenho duas grandes preocupações. (...) Qualquer desses técnicos, que cheguem lá e resolvam contar, e a outra era a Unicamp descobrir. Aí não tem jeito. O que descobriu está aqui, foi feito e tal e aí eu vou falar que foi o senador? Não tinha jeito. (...) Ainda falei: ‘O senhor podia parar de brigar um pouco para poder ver se *maneira* essa pressão em cima desse computador de votação.

Ele pegou e falou em relação à Unicamp: ‘Eu não posso fazer nada. E se eu brigo é ques-

O QUE FALARAM

“A SENHORA ESTÁ DISPOSTA A AUTORIZAR A ESSA COMISSÃO, A CESSÃO DO SEU SIGILO TELEFÔNICO COMPLETO, DA SUA CASA, DA SUA RESIDÊNCIA, DO SEU CELULAR E DO SEU GABINETE NO PRODASEN?”

SENADOR SATURNINO BRAGA (PPS/RJ), QUESTIONANDO REGINA PERES BORGES.

“COM CERTEZA. ESTÁ LIBERADO”

REGINA PERES BORGES, RESPONDENDO SATURNINO BRAGA

“SEI QUE SE EU, NA ÉPOCA, PEDISSE UMA LISTAGEM, IMAGINO QUE VOSSA SENHORIA NÃO ME DARIA ESTA LISTAGEM. PORTANTO PRECISARIA QUE OU VOSSA SENHORIA TIVESSE MUITA CONFIANÇA PESSOAL COM QUEM ESTAVA TRATANDO, OU VOSSA SENHORIA ESTARIA SE SENTINDO COAGIDA PSICOLÓGICAMENTE.”

HELOÍSA HELENA (PT/AL), QUESTIONANDO REGINA SOBRE POR QUE ATENDEU AO PEDIDO DE ARRUDA

“OS DOIS, SENADORA”

RESPONDENDO À HELOÍSA HELENA

tão de princípios’. Me deu esta resposta. Então eu tinha que torcer para que a Unicamp não achasse nada e assim foi. Cada depoimento...

Eu procurei esse Gazola, conversei com ele, (...) mas lógico, ele não é idiota, ele não acreditou. Mas fingiu que acreditou que era para segurança do sistema que ele fez aquilo. Que foi coincidência o senador ter falado [da lista na conversa com os procuradores da República], mas que não houve lista.

No momento, ele teve tanto medo de mim que eu fui procurá-lo. Acho que ele estava tão apavorado com o que estava acontecendo que ele não queria se aproximar de mim. ‘Por que esse povo está me mentando nesse rolo?’ Mas eu precisava dar um apoio e conversar com ele, e tínhamos uma apreensão sobre o depoimento. Bom, o mais vocês sabem. Veio aí o primeiro laudo. O primeiro laudo dizia que tinha falhas, furos. (...) Se alegou furos (...) Tudo isso não tinha nada a ver com o caso, mas aquilo ali parecia que se passaria por isso. Eu gosto da mentira? Não gosto, mas era tão horrível pensar em passar por isso que a gente [está passando].

(...) Sim, eu fiz muitos contatos ao longo desse tempo com esse assessor do senador Arruda. Era o interlocutor, o Domingos, para ver como é que as coisas estavam indo. O Domingos conversou comigo várias vezes ao longo desse tempo. Depois, na Semana Santa, eu dei um telefonema para um dos membros da comissão [que verificou a violação do painel], assim, amistosamente. (...) Ele falou: ‘Olha Regina, a Unicamp resolveu se aprofundar. Tem uns winchesters pendurados, todos os HDs [hard disks, parte que armazena os dados no computador] estão todos pendurados. Estão lá, aprofundando, aprofundando’. Esse dia, me deu uma intuição que a coisa ia desaguar no que desagou. Passei a Semana Santa extremamente angustiada porque senti. Quando foi na Sexta-feira de manhã, eu saí para levar minha empregada no hospital, porque ela está com problema uma suspeita de gravidez tubária.

Quando eu estou no caminho, me chamam aqui. Pela voz do Dirceu [presidente da Comissão de Sindicância do Senado], eu sabia que tinha sido descoberto. Eu entrei e o Dirceu conversou que a Unicamp tal tal e tal e botou o laudo [com o resultado na perícia do painel]. Quando eu

olhei e vi ali exatamente o que tinha sido feito, com detalhes e riquezas de detalhes, eu pensei em tudo, pensei em tudo.

‘Meu Deus e agora? Menti, o que falar que é? E as pessoas, vão ser envolvidas? E os prejudicados? Mas aí, e agora o que eu faço? Interrompi e falei: ‘Dirceu, diante desse laudo eu teria a possibilidade de voltar assistida de um advogado, suspender esse depoimento?’ Eles falaram: ‘Teria. Você tem, mas eu acho que tem uma informação que a gente tem a obrigação de colocar para você antes de você fazer isso. O Heitor Ledur veio aqui, depôs imediatamente antes de você e já nos relatou que foi ele que abriu [o sistema de segurança do painel do Senado], (...) que recebeu ordens expressas, foi assim, assim. (...)’

Chegou no ponto limite que desde o [primeiro] momento eu tinha falado: eu jamais diria é problema dele [Heitor Ledur]. Ele que se vire, (...) nunca dei essa ordem para ele e tal. Não teria possibilidade de eu fazer isso, não teria possibilidade de eu fazer, foi só nesse limite que eu fiz. Vocês sabem por quê? Porque estar aqui hoje, prejudicando os senadores, para mim é uma coisa muito dolorosa. (...)

Só fiz porque eu tinha um limite, eu tinha um limite. É uma pirâmide hierárquica, e eu estava no meio dela. Daqui para cima, eu segurava todo o peso, se fosse preciso. Mas daqui para baixo, eu tinha um compromisso com os meninos, que eu não deixaria cair. E não deixei. Agora, eu fiz um relato conciso lá.

(...) Na véspera, logo que eu acabei o depoimento, eu liguei ainda assim emocionada para o Domingos Lamoglia [assessor do senador José Arruda] e falei com ele. Falei: ‘Domingos, olha quero inclusive que você peça ao senador Arruda para avisar ao senador Antonio Carlos Magalhães. A situação é esta. Acabei de falar tudo na comissão porque eu não tinha mais como segurar’. Aí o Domingos, notei que ele ficou assim apavorado (...) falando que eu não podia ter feito, que tinha que ter uma saída e tal.

Quando foi mais tarde, ele me ligou e falou: ‘O senador vai negar, o senador vai negar. Como é que você fica aí?’ Agora, cada um por si, cada um vai adotar seu caminho, e eu não tenho outro. Estou no meu [caminho] e agora eu vou em frente, dentro desse caminho que eu estou. Acho que é o que eu tinha a dizer.